

Comunicação e Educação: convergência e imagens como meios de campo ¹

Ana Cristina Teodoro da Silva ²
Universidade Estadual de Maringá

Resumo: O ponto de partida é a problematização do intenso uso de dispositivos móveis por alunos, gerador de outro perfil de leitura e de outra relação com o tempo e espaço. Indaga-se que mudanças sugerem ao contrato pedagógico convencional entre professores e alunos. Procura-se inspirar o pensamento dialogando com dois autores: Henry Jenkins, que discute a cultura da convergência e os potenciais da inteligência coletiva, e Norval Baitello Jr, que alerta para a cegueira produzida na atualidade diante de tantas telas e estímulos visuais.

Palavras-chave: tempo; imagem; comunicação; educação

As gerações mais jovens tem os dispositivos móveis como extensões do corpo, como meios de comunicação e conexão, esse hábito influencia os modos de aprender, as expectativas, os valores. A acessibilidade fácil dos conteúdos em rede gera a ilusão de que todo o conhecimento acumulado pelos homens está ao alcance das mãos. Ao mesmo tempo, a interatividade nas redes sociais gera um ambiente nunca visto, com possibilidades a serem exploradas, estamos em momento de experimentação e criação a respeito dos significados das convergências de meios e conteúdos para a cultura e a política.

A proposta é apresentar duas perspectivas que podem parecer um tanto contraditórias, mas que devem conviver. Em uma delas, discussões a respeito da convergência, considerando-a, para além de fenômeno tecnológico, um arranjo cultural. Henry Jenkins (2009), inspirado em Pierre Levy, percebe alto potencial na constituição de uma inteligência coletiva que pode, inclusive, inspirar novas posturas políticas. Na outra, o alerta para o excesso de luz da atualidade, em outros termos, excesso de telas que, de acordo com Norval Baitello Junior (2014), distancia-nos de nossos corpos, corpos que tem sido mera aparência; somos devorados pelas imagens e tornamo-nos cegos às sombras, à interioridade.

Uma aluna disse-me que os professores são presunçosos. Querem que os estudantes prestem atenção apenas neles, enquanto essa geração seria capaz de fazer mais

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso de Comunicação e Mídias, Doutora em História, Departamento de Fundamentos da Educação, UEM.

de uma coisa ao mesmo tempo. Ela não está desprovida de razão, existem diferentes perfis de leitores.³ As tecnologias contemporâneas parecem contribuir para que o indivíduo esteja atento a diferentes mídias ao mesmo tempo, televisão e computadores ligados, celular ao lado, um fone no ouvido, tal multi-função é uma habilidade. Outro perfil seria o do leitor concentrado em uma narrativa, quem sabe na linearidade de um livro, ordenado e metódico, perfil constituído historicamente. A disciplina de ler textos escritos foi aprendida em um processo, e se tornou ícone de estudo e erudição⁴.

Não é adequado incensar as novas gerações e as “novas” tecnologias, como se tivessem habilidades mágicas que resolverão todos os problemas, como se fossem autônomas e pudessem abrir mão dos processos tradicionais de aprendizagem. Tampouco é adequado fechar os olhos às relações atuais com dispositivos móveis em rede, geradores de comunicação e incrivelmente facilitadores do acesso aos mais distintos arquivos. O professor depositário de saber que o transmite a incautos alunos não tem mais cabimento.

Precisamos pensar em nossa situação atual para além de dicotomias estanques, mantendo a dúvida, se for o caso, mas sem abrir mão de reconhecer os problemas.

Mídias móveis e educação - problematizações

Crianças e adolescentes tem associado acesso pleno à internet por meio de dispositivos individuais com liberdade, sentem-se livres com seus telefones celulares, utilizando aplicativos e redes sociais. Porém tem comportamentos bastante parecidos entre si, tendendo ao estereótipo. São controlados por seus grupos. Cobram privacidade dos responsáveis, mas não percebem o controle do grupo, ou dos grupos formados em seus aplicativos ou redes sociais.⁵ São controlados pelo grupo na medida em que os grupos dão o compasso do que fazer e como fazer, do que é bonito, esperto, engraçado, como, de resto, é normal em grupos jovens.

A escola na qual vivemos tem por premissa o estudo disciplinado e focado, pelo que a instituição tem sido bastante criticada desde, pelo menos, os anos 1960. As críticas, com muita razão, apontam que a instituição produz sujeitos cordatos e enquadrados. Em momentos de ditadura militar, fundamentalismo religioso no caso do ensino confessional,

³ Para reflexões sobre os diferentes perfis de leitores jovens e suas conseqüências, ver “Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo”, de Lucia Santaella (2004).

⁴ Para a construção histórica da leitura, consultar obras de Roger Chartier.

⁵ Devo esse raciocínio à professora Aline Frollini Lunardelli Lara, em uma produtiva manhã de trabalho.

de qualquer autoritarismo ou predomínio ideológico, tais críticas são essenciais. Mas talvez estejamos preparados para pensar até que ponto a escola pode abrir mão da valorização da disciplina de estudo e da concentração focada em um texto, autoritarismos certamente à parte.

Qual é o fundamento ideológico da escola hoje? Minha hipótese é: o capitalismo. Vivemos em uma sociedade de mercado, em que crianças e jovens são educados para serem bem sucedidos no “mercado de trabalho”, ter sucesso na vida a maioria das vezes é entendido como ganhar dinheiro, e esse é o fundamento do que se espera das escolas, um público trabalhador habilitado, consumidores mais potentes. Na universidade, internamente reproduzimos a lógica capitalista com muita competição e produtivismo, dos graduados se espera uma maior competência no âmbito do mercado.

Qual perfil de estudo e leitura pode produzir crítica, questionamento? Qual perfil é adequado à sociedade competitiva e veloz na qual estamos? De que Educação falamos?

Percebo em sala de aula que é comum os alunos conectados por seus celulares repercutirem os temas apresentados em sala nas redes sociais. Tanto checam os dados que o professor diz como postam comentários, críticas, ironias em grupos constituídos em aplicativos como o *whatsapp*. Acontece em uma aula ou evento que alguns alunos conversem entre eles em um grupo fechado pela internet, preferindo essa fofoca. Porém, com isso, suas inquietações, dúvidas e críticas não são apresentadas no debate presencial da turma, em prejuízo desse excelente exercício dialógico. O aluno a maior parte das vezes não treina expor em público e presencialmente, na presença de pelo menos um adulto, seu ponto de vista, para que ele seja debatido ou desdobrado. Expor-se presencialmente mostra a necessidade de expressão em linguagem aceita em ambiente de aula, expondo-se também às críticas dos professores e dos colegas. Ocorre sem dúvida o pudor da exposição, pudor que, até certo ponto, filtra pensamentos inapropriados, como os sexistas ou racistas. Os ambientes de redes sociais são livres e sem esse parâmetro crítico, dissolvendo a seriedade fundamental à aula.

Hoje, os pequenos intervalos de saída e chegada de qualquer lugar, antes e depois das refeições, depois do cinema, enfim, qualquer “tempinho”, pode ser preenchido pela verificação das mensagens no celular. Sem contar as ansiosas checagens em meio a espetáculos, em meio às refeições. Não vou considerar a falta de polidez básica de muitos, que prioriza escancaradamente a extensão celular ao contato com quem se faz uma refeição,

com quem se caminha. O que perdemos? O que fazíamos antes nestes intervalos? Olhávamos em volta, pensávamos no filme?

Professores têm reclamado, no contexto universitário, da falta de participação dos alunos, e de falta de interesse. O que destaco aqui não explica a apatia e desinteresse, mas faz parte do quadro que encenamos. Alguns alunos canalizam suas energias expressivas para as redes sociais, sem críticas de professores (e, em casa, dos responsáveis, quem sabe), e perdem a chance do debate cara a cara, que nos treina para incontáveis situações democráticas. Treina para ouvir, treina para falar, treina para as diferenças, treina para o respeito às autoridades, no caso, do conhecimento. Há quase sessenta anos, Hannah Arendt apontava nossa dificuldade em diferenciar autoritarismo de autoridade, e cravava: quem quer ser pai, mãe, professor ou professora, deve assumir responsabilidades pelas gerações futuras. As instituições família e escola são transmissoras de cultura, de ciência, somos ponte para um saber acumulado, temos a autoridade do passado de nosso grupo que precisa ser aprendido pelos jovens. (ARENDR, 1992) Essas instituições parecem estar em crise, e isso é muito interessante, mas que faremos durante essa transição? Para que transitamos? De novo, qual é nosso sonho?

Não trato aqui de ambientes escolares autoritários, nos quais os alunos não podem falar. Minha experiência refere-se a alunos de graduação, na faixa etária prioritária entre 16 e 20 anos, em ambiente de universidade pública, em uma cidade média, Maringá, sul do Brasil.

O tempo é fundamental na resposta a estímulos. Responder a um e-mail no mesmo momento, com raiva, enviá-lo, e se arrepender depois do dedo ter pressionado a tecla *enter*. Quem não passou por isso? Muito distante do tempo da espera da carta, de sua leitura, do tempo da resposta, de levá-la ao correio, caminho no qual muitas cartas eram desvirtuadas, alteradas, caminho que dava outro tempo ao pensamento, ao arrependimento ou ao pudor.

As redes sociais favorecem uma temporalidade em que não se perde a piada, responde-se imediatamente e “no mesmo tom”. O imediato e fácil não combina com reflexão, com posicionar-se no lugar do outro, com experimentar emoção e aprender com ela, antes de retrucar. O trânsito das cidades é outra metáfora de nossas ações diferentes em diferentes ritmos, de como somos levados pelo fluxo, e como ficamos reativos, defensivos, até mesmo violentos.

Não sou nostálgica, mas resolvi aqui demarcar o que estamos perdendo, em contraposição à ideologia de que o novo é melhor, de que mais rápido é melhor, de que a nova tecnologia é sempre avançada.

Outro aspecto: o uso dos celulares e computadores como arquivos. É comum termos arquivos de músicas, de fotografias, de vídeos, de filmes. Mas todo arquivo precisa de sistematização, caso contrário seus elementos não podem ser acessados. As gerações recentes comumente não escutam muito da mesma música, escutam poucas vezes muitas músicas. O momento da escuta costuma ser também multimeios, junto com a caminhada, com o estudo, com a televisão ou computador.

Fotografias temos milhares, mas quem volta às pastas de imagens das últimas férias? Fotografia na atualidade é, muitas vezes, o compartilhamento de uma representação idealizada de uma experiência: o que se come, o marco de um lugar em uma *selfie*, a diversão em grupo sorridente. E o compartilhamento necessita ser no agora, como a dizer: estou me divertindo neste momento, e você?

Poucos alunos usam cadernos e anotam. Sobre as carteiras, os celulares, com os quais tiram fotografias das datas de avaliações escritas no quadro. As anotações têm função mnemônica, de reflexão. As imagens feitas sem esforço vão para o arquivo. No arquivo, nas nuvens (!), há tudo, e na cabeça? E o exercício mental? As tecnologias atuais possibilitam uma quase infinita capacidade de arquivo, mas arquivo não é conhecimento, não é reflexão, não é capacidade de conexão. E mais: estes arquivos são codificações digitais, o que significa dependência de aparatos mecânicos e elétricos, que por sua vez dependem de manutenção e fontes energéticas. Sem dúvida representam acúmulo de informação, mas informação não é conhecimento. Ou, pelo menos, devemos perguntar qual a aprendizagem resultante desse processo.

Inteligência coletiva e cultura da convergência – potenciais

O livro *Cultura da Convergência*, de Henry Jenkins, é visto por alguns como o livro do momento, que todos devem ler para entender os fenômenos transmídia. O autor procura relacionar três conceitos: convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva.

A convergência não depende de qualquer mecanismo de distribuição específico. Em vez disso, a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma

elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. Apesar da retórica sobre a “democratização da televisão”, essa mudança está sendo conduzida por interesses econômicos e não por uma missão de delegar poderes ao público. ⁶ (JENKINS, 2009, p. 325)

É fundamental entender que a convergência não ocorre nos aparelhos, nas tecnologias, ocorre na mente das pessoas, ou dos consumidores individuais e em suas interações sociais. Jenkins é claramente contrário à ideia de que a convergência é um processo principalmente tecnológico.

Percebe que vemos as mudanças relativas às mídias contemporâneas como mudanças tecnológicas. Elas não são fundamentalmente tecnológicas, mas sobretudo culturais, é na cultura, que devemos procurar a lógica e as conseqüências dos processos que vivemos.

Fundamentado em Pierre Levy, entende como inteligência coletiva a capacidade das comunidades virtuais de disponibilizar a todos os conhecimentos de cada um dos membros. Sozinho, ninguém sabe muito, o conhecimento está na humanidade. A inteligência coletiva questionaria qualquer tipo de hierarquia, com sua dinâmica falta de regras e desorganização.

É necessário levar em conta o risco de observarmos como gerais tendências que são de uma elite de desbravadores. No caso das análises de Jenkins, a elite branca dos Estados Unidos. No Brasil, propomos que os modismos relativos aos usos das novas tecnologias partem de adolescentes, não lhes sendo exclusivos. As expectativas dos alunos universitários seriam iguais nos turnos matutino, vespertino e noturno, sendo que à noite o público trabalhador é maior?

Tratando do filme Matrix como exemplo de narrativa transmídia, o autor afirma que o padrão de narrativa dos filmes de Hollywood dependia da redundância, as histórias precisavam ser narradas de modo encadeado, coeso. Em Matrix, temos que manter os olhos atentos o tempo todo, e fazer pesquisa antes de ir ao cinema. É uma narrativa paradigmática de diversas mensagens e linguagens ao mesmo tempo.

O fenômeno Harry Potter mostra como as crianças podem participar da cultura da convergência. Na internet, em diversos grupos de discussão e redes sociais, cada indivíduo ou nó da rede une seu conhecimento ao de outros em empreitada coletiva;

⁶ Ver também as definições de convergência que se encontram às páginas 29 e 377.

compartilha e compara valores avaliando dramas éticos; forma conexões entre pedaços espalhados de informação; expressa interpretações e sentimentos; circula criações; interpreta papéis... Jenkins chama a atenção que esse resultado só é possível por meio de participação ativa.

O conhecimento é partilhado e a atitude crítica é contínua. Estamos diante de um paradigma que necessita ser assimilado pelos processos pedagógicos institucionais? Nossa escola está fora de seu tempo?

Jenkins trata de uma nova cultura política. E se as pessoas aplicassem as habilidades de fãs em suas responsabilidades civis? Imaginem, nas eleições, a inteligência coletiva juntando dados sobre os processos e candidatos, disponibilizando-os a todos e gerando discussão.

No Brasil, qual público seria atingido e participaria? E de que forma? Contudo, necessitamos urgentemente de criação na política, estamos em um círculo vicioso, os partidos no poder não se movem para a reforma política necessária, tampouco tiveram a dignidade de planejar uma educação de qualidade, em mais de vinte anos de governos de centro-esquerda. Como melhorar nossa representação política? Transformar a política em um tipo de cultura popular não seria uma alternativa? Segundo Jenkins, o poder emergente de participar serve como corretivo às tradicionais fontes de poder.

As comunidades de fãs analisadas produzem e fazem circular novas idéias, a partir de leitura crítica de seus textos favoritos. Realiza o acesso à estrutura da inteligência coletiva e a uma modalidade de cultura participativa. Quais são os efeitos políticos? Jenkins se vê como utópico crítico, sugere promover potenciais, em vez de rejeitar de imediato o que parece inesperado.

Não poderíamos, professores, cientes desses potenciais e processos, tentar explorar o poder relacionado às mídias em nossos objetivos? Para o autor, seguindo Pierre Lévy, trata-se de uma “utopia realizável”, para a qual devemos estar atentos às dimensões éticas conseqüentes de nossos modos de produzir conhecimento, cultura e política.

Imagens e temporalidades – crítica

Uma outra perspectiva é oferecida pelo pensamento de Norval Baitello Junior, e interessa o exercício de posicioná-la paralelamente para ampliar a reflexão. Parte-se da

provocação de que, na cultura contemporânea, o corpo está sendo destruído pela imagem. A imagem é o grande outro do corpo, os corpos aspiram ser imagem. (BAITELLO Jr, 2014a)

Ainda é majoritário o paradigma que, no estudo da imagem, valoriza quem fala; o impacto é menosprezado, a imagem é objeto. Realizam-se assim entendimentos de um emissor autoritário e um receptor que tem um produto como fetiche.

A imagem não é um objeto, é um sujeito, olha de volta, é criadora, gera um ambiente. Uma imagem feita para culto cria ambiente de culto, imagem feita para arte cria ambiente de arte. Para percebermos isso, basta pensarmos a mesma imagem em uma igreja barroca, em um centro de arte contemporânea ou em uma praça.

A imagem é a presença viva de toda uma genealogia, de todas as imagens anteriores que geraram os esquemas que a tornam possível hoje. Assim, em um anúncio publicitário, temos tradição histórica na constituição de padrões e símbolos que é revivida e atualizada. Esquecer isso é achar, a todo momento, que estamos inventando a roda. Nossos alunos talvez não o saibam, sentem-se poderosos com suas criações e expressões em aparelhos tecnológicos.⁷

Não é possível catalogar as imagens, mas é possível identificar os ambientes por elas gerados: ambientes de culto, de arte, de mídia. A imagem mítica era imanente, tratava de algo essencial. A imagem de culto transporta-nos para outro lugar, é transcendente. A imagem de arte volta a ser imanente, embevece. A imagem de mídia nos leva a fazer coisas, persuade, nos tira do corpo, transcende (BAITELLO Jr, 2014a). Um ambiente não exclui o outro, incorpora-o. Assim, o ambiente de mídia traz em si mito, culto e arte.

A imagem midiática quer nos levar para um lugar ou atitude em que não estamos, quer nos levar ao desaparecimento, consumir, do latim *sumire*, sumir. As pessoas são visíveis pelo que consomem, são visíveis por sumir! Ou por morrerem como pessoas. Baitello Jr fala de iconofagia, as imagens querem devorar nossos corpos. A televisão sabe porque nos quer deitados no sofá. Ser é parecer, ser imaginado.

Mídia, do latim *medium*, meio, é espaço intermediário, meio de campo, aquilo que fica entre uma coisa e outra. A primeira mídia é o corpo, complexo, presencial, exige tempo e espaço. As linguagens do corpo são o ponto de partida e chegada da comunicação. O corpo é o primeiro suporte dos textos culturais. As imagens, quando exiladas do corpo,

⁷ Para encaminhar a reflexão de que as relações entre mídias, cultura e tecnologia não são novas, ler A história da comunicação e os desafios educacionais em época de internet (SILVA, 2014).
<http://www.fecilcam.br/educacaoelinguagens/documentos/v3n5/50-61.pdf>

são tiranas, não nos refletem, mas sim nos inventam. Assim como Jenkins, Baitello Jr entende que comunicação e cultura são indissociáveis.

Ocorre uma coerção para transformar pessoas complexas, corpos vivos em imagens, em uma forma estratégica de conquista.

Estaremos caminhando para uma sociedade que, por banir os traços e as marcas do tempo, por banir o envelhecimento, a lentidão, por desvalorizar e por fim também banir a proximidade, oferece às crianças, jovens e adolescentes um horizonte obscurecido pelas excessivas luzes dos holofotes de um falso presente, um presente *in effigie*, sem corporeidade, sem presença, um presente vivo e sem surpresas. (BAITELLO Jr, 2014b, p. 42)

Quando usamos um objeto para transmitir sinais, criando uma presença na ausência, usamos uma mídia secundária. É o que ocorre com a escrita, decodificação, decifração, com seu tempo lento e de contemplação. Quando se tem o tempo de ler um livro, ler um romance, olhar um quadro, mergulhar numa imagem e contemplá-la, entra-se na realidade regida por uma temporalidade distinta, aquela da permanência, da perenidade, da imortalidade.⁸

Quando é necessário um aparato de transmissão e um aparato de recepção, transmitem-se sinais sem suporte, o tempo se acelera vertiginosamente. É a mídia terciária, como o telégrafo, telefone, rádio, televisão. Com a aceleração do tempo, estamos a perder o espaço comunicativo do diálogo interpessoal. Atualmente, vivemos o excesso e descontrole das imagens, sua inflação gera fadiga do olhar e invisibilidade! Temos tantas imagens à disposição que nos tornamos cegos. O olhar é o sentido do alerta e da distância, vivemos essa agonia.

É importante lembrar que o processo educacional é um processo de por para sentar, no sentido de por para se acalmar. Como pensar sem interiorizar? Como conhecer sem auto-conhecer? Não estamos desequilibrados, excessivamente voltados para fora, para a transcendência das luzes e da aparência? Porém, podemos extrair o que queremos e deixar a manipulação. Podemos ensinar a resistir às imagens midiáticas, denunciar o excesso que gera adormecimento nos olhos. Para quem pensa comunicação e cultura, o desafio é resgatar o sentido, recuperar o homem e seus vínculos, o que apenas é possível integrando áreas de saber, exercendo nossa capacidade crítica em favor dos potenciais humanos.

⁸ Para reflexões sobre as relações entre imagem e morte, no campo da fotografia, ler Click... ou bang: imagens da morte na historiografia sobre fotografia (SILVA e ANDRÉ, 2012).

<http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/150>

Temos a necessidade de vincular o espaço e o tempo. É a mídia a partir da qual cada um se apropria de seu espaço e seu tempo é o corpo. A comunicação é construção de vínculos, por meio dos processos comunicacionais, portanto, podemos refletir sobre nossos vínculos; por meio do uso das diferentes mídias em sala de aula, o corpo inclusive, podemos pensar em nossos processos de aprendizagem, em como e se satisfazemos nossas necessidades.

Em vez de consciência do corpo, vivemos a imagem do corpo. O excesso de imagens, o excesso de telas, o excesso de luz, deixa-nos carentes da consciência da sombra, do recolhimento. A sombra está lá, torna-se maior e assustadora, mas preferimos um lado apenas da equação, a luz, vivendo assim o desconforto da não interioridade, de não ter recolhimento. No intervalo, olhamos as mensagens, e não para dentro de nós mesmos.

O medo da morte produziu imagens, o medo das imagens produziu sua aceleração, ritmo que não nos remete mais às coisas, mas às próprias imagens. O outro indesejável é o interior, é o que está dentro de nós mesmos, em um mundo que apela à transcendência do visível. É bastante curioso que vivemos, sem dúvida, ideologias dos corpos belos, porém, não vivemos os corpos.

As máquinas que falam e transmitem falas e imagens expandem as fronteiras da percepção, gerando encantamento, magia. Esse fenômeno não é novo. “A magia não tem e nunca teve como meta informar, mas sim encantar, iludir, desviar a atenção, literalmente enganar.” (BAITELLO Jr, 2014b, p. 101)

Para o autor, os sistemas de visão e entendimento, ou seja, as mídias, têm fracassado em sua missão de conectores, pois sucumbem ao mal da auto-referência. Em rede, mantemos o processo, fazemos referência à própria mídia, perdendo a posição de mediação, de meio. Trata-se de imagens desenraizadas, que perderam os vínculos de origem, parecendo auto-suficientes.

Baitello Jr defende a conquista da lentidão. O tempo da escrita, por exemplo, é tempo lento, que permite reflexão, decifrar enigmas, alongando a percepção do tempo de vida.

Assim, a representação de um objeto não é apenas a representação de algo existente no mundo (concreto, das coisas, ou não concreto, das não coisas), mas também uma reapresentação das maneiras pelas quais este algo foi já representado. Em outras palavras, em toda imagem existe uma referência às imagens que a precederam. (...) A força de uma imagem provém de seu lastro de referências a outras tantas imagens (...) genomas imagéticos. (BAITELLO Jr., 2014b, p. 128)

Estamos acelerados, e isso tornou-se valor positivo. A visão está saturada de luzes e telas, produzimos um “recalque ao crepuscular”. Hoje, tornamo-nos imagens antes de tornarmo-nos pessoas. A visibilidade que constitui nossos avatares tem uma temporalidade encurtada quando comparada à temporalidade da audição. Vemos muito, escutamos pouco.

A escuta requer uma postura receptiva, passiva. A recepção da imagem requer ação. São dois universos: passivo, de paixão, associado a sentimento, e ativo, associado a agir, fazer, dois universos complementares, que interagem. O ativismo, o trabalho como valor máximo, a produção em ritmo veloz tem uma história que vem de longe. O autor conclama a uma rebeldia civil contra o paradigma da produção. Estamos a perder as conexões do fluxo lento, da temporalidade do ouvir e do contemplar. Volto assim às questões problematizadas: o que ensinamos? Nossos objetivos são coerentes com nossos métodos? O que esperamos? Sabemos esperar?

Minha mãe, entre as décadas de 1940 e 1950, criança, escrevia cartas, solicitada por familiares e amigos analfabetos. Esses iletrados tinham histórias a contar, e contavam. Histórias esperadas por semanas ou meses por pessoas queridas que estavam longe. O tempo da fala e da escuta, da tradução da escrita, do transporte, da leitura e releitura da carta, preciosamente guardada em lugar seguro. Este tempo, em poucas décadas, foi substituído por uma foto de celular e a alocação em um arquivo que muitas vezes não será mais visto ou encontrado. Não temos tempo de ouvir, tampouco olhos de ver...

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, R. G.; SILVA, A. C. T. *Click... ou bang?* Imagens da morte na historiografia sobre fotografia. **Revista Domínios da Imagem**, ano V, n. 10, maio 2012. p. 31-41. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/viewFile/150/107>>.

ARENDDT, H. A crise na educação. **Entre o passado e o futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa de Almeida. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BAITELLO Jr, N. **As imagens e seus ambientes**. Conferência proferida no I Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem. Universidade Estadual de Londrina (UEL), 25 nov 2014a.

BAITELLO Jr, N. **A era da iconofagia**: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014b.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

McLUHAN, M. Aula sem paredes. In. CARPENTER, E.; McLUHAN, M. (orgs.) **Revolução na comunicação**. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. [original = 1960]

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, A. C. T. A história da comunicação e os desafios educacionais em época de internet. **Revista Educação e Linguagens**, v. 3, n. 5, p. 50-61, 2014. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/educacaoelinguagens/documentos/v3n5/50-61.pdf>>.